

## A proximidade feminina e a imagem imperial: Nero, Tácito & os Anais<sup>1</sup>

**Flávia Florentino Varella**  
graduanda em História  
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

**RESUMO:** Neste artigo analisa-se como o Tácito (55 d.C – 120 d.C.), nos **Anais**, utiliza-se de figuras femininas próximas ao imperador Nero para construir tanto a imagem do governante quanto a de seu governo (54 d.C – 68 a.C). No mundo romano, a influência feminina nos assuntos públicos é tida geralmente como negativa. Tácito serve-se desse valor comum para, ao mesmo tempo, explicar más decisões tomadas por Nero e, mais importante, caracterizar a fraqueza moral de um imperador que se deixa governar por mulheres. Duas personagens são especificamente tratadas: Agripina e Popéia.

**ABSTRACT:** In this paper we analyze how in the *Annales Tacitus* (55 d.C – 120 d.C.) used female characters related to the Emperor Nero to build up the image of this leader and his government (54 d.C – 68 a.C). In the Roman world the female interference in the political matters was considered generally undesirable. Tacitus tries to understand the bad decisions of the Emperor and his moral weakness in connection with the influence that some specific women had over him. Agrippina and Poppaea, two female characters, are specifically analyzed.

Neste artigo temos como principal objetivo analisar como o historiador latino Tácito, nos **Anais**, utiliza-se de algumas personagens femininas para delimitar a ruptura de períodos dentro do governo de Nero.<sup>2</sup> Elegemos como figuras femininas de central importância: Agripina, mãe do imperador, Otávia, esposa de Nero de 53 até 62 e Popeia, casada com o imperador de 62 até 65. Com isso, ele será dividido de acordo com a marcação do principado que Tácito acaba fazendo, ou seja, em três partes. A primeira abrange os primeiros cinco anos

---

<sup>1</sup> Este artigo é fruto do projeto de pesquisa intitulado “A proximidade feminina e a imagem imperial: um estudo das relações de Nero com personagens femininas nos Anais, de Tácito” desenvolvido sob orientação do Prof. Dr. Fábio Faversoni do Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e financiado desde abril de 2005 pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Minas Gerais (FAPEMIG).

<sup>2</sup> Todas as datas se referem ao período depois de Cristo.

do principado neroniano (54-59)<sup>3</sup>, no qual Tácito desvincula as decisões políticas do governo de Nero de personagens femininas. Esta fase é considerada como de um bom governo. A segunda divisão é entre 60 e 62 onde acontece a vinculação política de Nero com personagens femininas e, conseqüentemente, a imagem de seu governo decai na narrativa taciteana. Por fim, o terceiro período abrange os anos de 63 até 66, onde o conteúdo que chegou até nós dos **Anais** termina. Esta terceira fase pode ser caracterizada, segundo Tácito, como a de total vício tanto do imperador como do Império; o período que a influência feminina é mais destacada.

Antes de entrar no tema central deste artigo, é necessário um pequeno excursão sobre a forma de se escrever história no século I para que a historiografia de Tácito possa ser melhor entendida. A escrita da história no mundo romano estava essencialmente ligada a concepção formulada por Cícero da história *magistra uitae*. Este modelo colocava que a principal função da história está no ensinamento por meio dos feitos e homens ilustres do passado. Através da exposição dos grandes exemplos históricos, esperava-se incentivar a imitação. Por isso a centralidade dos homens ilustres e dos fatos na escrita historiográfica romana. Tito Lívio escreve em sua **História de Roma** que “o que principalmente há de são e fecundo no conhecimento dos fatos é que consider[e]s todos os modelos exemplares, depositados num monumento, em plena luz: daí colhes para ti e para o teu estado o que imitar; daí evitas o que é infame em sua concepção e em sua realização”.<sup>4</sup> A história, enquanto monumento, mostra na luz da verdade como os fatos aconteceram e se devem ou não serem seguidos. A concepção de história *magistra uitae* assemelha-se ao uso que a retórica fazia da história. O ornamento de sentença denominado *exemplum* é a utilização de eventos e personagens do passado para melhor demonstrar uma situação.<sup>5</sup> O exemplo tem o objetivo de mostrar diante dos olhos o que aconteceu. “Além disso, os exemplos ocupam o lugar de testemunhos. Aquilo que o preceito recomendou e o fez levemente é comprovado pelo exemplo, como se fosse um testemunho”.<sup>6</sup> O exemplo pode substituir o testemunho. Contudo, tem funções diferentes, o exemplo serve para demonstrar como é o que se disse e o testemunho serve para confirmar que é como se disse.<sup>7</sup> Assim, através da história, demonstrar-se-iam como as coisas foram e como desenrolaram e a sua certidão de verdade estaria ligada a probabilidade do relato ter acontecido, não na sua efetividade empírica.

---

<sup>3</sup> Sobre esta boa fase do governo de Nero vide Miriam GRIFFIN. *The Gold Age. In: \_\_. Nero: the end of a dynasty*. London: Yale University Press, 1985.

<sup>4</sup> TITO LÍVIO. *Ab Urbe Condita. Apud* François HARTOG. **A História de Homero a Santo Agostinho**. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p. 207.

<sup>5</sup> [Cícero]. **Retórica a Herênio**. Tradução e introdução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005, 4, 60-62.

<sup>6</sup> *Idem*, 4, 2.

Com o advento da modernidade essa relação da história com a retórica foi aos poucos sendo abandonada e chegou ao ponto de ser repudiada pela historiografia. A época moderna substituiu a retórica pela história filosófica e, mais adiante, pela história científica. Contudo, uma “tradição” perpassou a historiografia antiga e chegou até a moderna: a equação mulher que deseja ou tem poder político é igual a um mau sinal dentro do governo.<sup>8</sup> As mulheres políticas são, correntemente, descritas dentro da historiografia como grandes vilãs da história. Na Roma do século I as mulheres não podiam atuar politicamente por meio de instituições e Tácito via como um mau sinal essa atuação por meio de relações interpessoais, ou seja, informalmente.<sup>9</sup> A ligação de Nero à personagens femininas políticas é o que aprofundaremos em nossa análise.

\*\*\*\*\*

O relato de Tácito sobre a ascensão de Nero ao trono é descrito como tendo sido efetivado graças a uma mulher: sua mãe, Agripina. Nos **Anais**, Nero seria um produto das ambições de Agripina. Ela arquitetou toda a estratégia para seu filho se casar com Otávia, filha do imperador Cláudio.<sup>10</sup> Além disto, coloca a serviço de Nero alguns de seus aliados políticos, com ênfase para Sêneca, seu preceptor. Depois de isolar ou mesmo eliminar fisicamente possíveis pretendentes à sucessão de Cláudio e fortalecer os apoios em favor da ascensão de seu filho ao trono, Agripina trama o assassinato de Cláudio e Nero sobe ao poder no ano de 54. É desta forma que Tácito começa a narrar a estratégia que possibilitou Nero

---

<sup>7</sup> *Idem*, 4, 5.

<sup>8</sup> Podemos utilizar como exemplo do que estamos chamando de “tradição” a concepção de história do historiador inglês do século dezoito David Hume. Hume é considerado, juntamente com Gibbon e Robertson, como o fundador da historiografia inglesa moderna. Contudo, Hume não deixa de seguir, em grande medida, os moldes de escrita clássicos. Em seu livro **History of England**, ele nos apresenta quatro rainhas, a saber, Jane Gray, Mary I, Elizabeth I e Mary, rainha da Escócia, que, naturalmente, possuem poder político. Hume resolve a tensão entre o poder político e o feminino de duas formas. A primeira delas é com Jane Gray na qual afirma constantemente que ela não queria ser rainha, foram as circunstâncias que a levaram a isso. A segunda forma é com Elizabeth, que ele admira como governante. Para Elizabeth, que é apresentada como apta politicamente, Hume tira todos os traços que a constituem enquanto mulher. No que concerne as outras duas rainhas, Hume aponta como o fracasso de seus governos justamente a volubilidade delas frente a seus maridos. É essa impossibilidade da junção entre política e mulher que chamamos de “tradição” e na qual Tácito é um excelente exemplo; quem sabe o precursor.

<sup>9</sup> Para uma explicação mais detalhada sobre as formas de inserção política por meio de relações interpessoais: Andrew WALLACE-HADRILL. *The Imperial Court*. In: BOWMAN, A. K., CHAMPLIN, E. & LINTOTT, A. **The Cambridge Ancient History**. 2<sup>nd</sup> edition. Vol. X: The Augustan Empire, 43 B.C. – A.D. 69. Cambridge University Press, 1996.

<sup>10</sup> TÁCITO, **Anais**, Trad. J.L. Freire de Carvalho. São Paulo: W.M. Jackson Inc. Editores, 1952 (Clássicos Jackson, VolXXV),12,58.

tornar-se imperador. Nero é colocado como fruto das ambições de Agripina, como sendo o meio pelo qual ela pretende obter o poder político que institucionalmente não pode conseguir.

Na análise de Tácito é apontada a percepção de que para ele seria impossível concretizar um bom governo tendo participação feminina em sua administração, pois era notório que as mulheres não poderiam participar de instituições governamentais no mundo romano. A partir do momento que Nero torna-se imperador, Tácito começa a dar maior ênfase ao papel desempenhado por aliados de Agripina, notadamente Sêneca e Burrus, que têm papel central no *consilium princeps* de então. Tácito mostrou Cláudio cercado de conselheiros tanto libertos e quanto mulheres e isso era um importante sinal de sua ineficiente administração. Por outro lado, Nero foi apresentado em seus primeiros anos ao lado de homens de grande valimento, membros da aristocracia romana. Agripina e os libertos que atuavam na corte passaram a um segundo plano e, em alguns anos, desapareceram completamente da narrativa. Curiosamente Tácito não nos fornece nenhuma informação dos movimentos de Agripina de 56 até 59. Neste intervalo de tempo dedica-se a decisões do Senado e à guerra que estava acontecendo. Com essa supressão de Agripina da narrativa e com o maior destaque dado a Sêneca e Burrus como aliados políticos de Nero, Tácito caracteriza um bom período de governo.

Tácito abre o livro XIII, no qual começa o relato do principado neroniano, com a contraposição entre o caráter de Agripina, de um lado, e Sêneca e Burrus, do outro. Este livro começa com a seguinte passagem: “A primeira morte que se perpetrou em o novo principado, foi a de Júnio Silano, procônsul da Ásia, de que Nero não teve notícia, e para a qual só concorreram as intrigas de Agripina”.<sup>11</sup> Tácito, após expressar os motivos que levaram Agripina a tal ordem, dá seqüência ao seu relato desta forma: “Os assassínios seriam cada vez mais freqüentes se Afrânio Burro e Ânio Sêneca os não tivessem coibido”.<sup>12</sup> Por meio da comparação das virtudes de Sêneca e Burrus e da ambição de Agripina, Tácito visa criar uma expectativa favorável ao começo do principado de Nero.<sup>13</sup> Já nas primeiras linhas do principado neroniano, Tácito começa a sua tentativa de desvencilhar Nero de Agripina e de associá-lo a Sêneca e Burrus, utilizando como recurso fundamental a comparação moral entre os personagens.

Esta estratégia taciteana do afastamento de Agripina e aproximação de Sêneca e Burrus a Nero é interessante pois demonstra que após a sucessão deste Imperador houve uma cisão

---

<sup>11</sup> *Idem*, 13,1

<sup>12</sup> *Idem*, 13, 2

<sup>13</sup> R.H. Martin LEEDS. Structure and interpretation in the ‘Annals’ of Tacitus. *In ANRW*. II,33,2, 1990, p.1551.

entre o grupo político composto por Agripina, Sêneca e Burrus que vigia no principado de Cláudio. Neste governo, ambos se sustentavam. Porém, no de Nero, isso era feito em pequena escala. Não devemos tratar Sêneca e Burrus como uma unidade. Ambos tinham posições diferentes tanto na corte quanto em relação a Agripina. Sêneca, ao menos no relato de Tácito, conseguiu se desvencilhar muito mais da aproximação política de Agripina. Por outro lado, Burrus é correntemente citado por Tácito como ainda ligado à mãe do imperador.<sup>14</sup> O motivo de tal independência viria do cargo de senador que Sêneca ocupava. Em outras palavras, Tácito coloca Sêneca, enquanto senador, em uma posição de afastamento de uma personagem, Agripina, que sempre foi associada como elemento negativo. Tácito era de família equestre, foi cônsul *suffectus*, magistratura mais importante em Roma, sob o governo de Nerva em 97 d.C. Por causa de sua origem, atribui-se às obras de Tácito um certo conservadorismo, que estaria presente na sua defesa tanto das virtudes quanto da elite senatorial. Buscando ascensão política, ele adotou fervorosamente os valores morais aristocráticos que são orientadores de sua narrativa. No que concerne a Burrus, Tácito relata três momentos marcantes na narrativa em que Burrus é diretamente associado à Agripina. O primeiro deles é quando se evidencia, ou melhor, evidenciam, que Agripina estaria articulando um complô contra Nero. Iunia Silana pede que dois clientes seus, Itúrio e Calvíσιο, contem a Atimeto, liberto de Domícia, tia de Nero, que Agripina estava incitando Rubélio Plauto, que era descendente de Augusto, a produzir uma revolta e que Agripina pretendia se casar com ele.<sup>15</sup> Como Domícia não era favorável a Agripina, mandou rapidamente um de seus libertos para avisar a Nero o que lhe haviam transmitido. Assim, “pelo modo com que se fez a delação tanto assustou o espírito do César, que este não só quis mandar logo matar a mãe, e Plauto; mas até se lembrou de tirar o comando das coortes a Burro, como criatura de Agripina, e que provavelmente estaria por ela”.<sup>16</sup> O segundo momento é quando Tácito expõe uma suposta conspiração contra Nero que teria como principais componentes Palas e Burrus.<sup>17</sup> Palas, liberto imperial, em todo o relato dos *Anais*, foi considerado um dos aliados mais próximos de Agripina dentro da *domus Caesaris*. Por fim, o terceiro momento em que Burrus é diretamente associado a Agripina é quando tem-se que decidir quem matará Agripina. No relato de Tácito, Nero sugere que Burrus deveria mandar a Guarda Pretoriana para matar sua mãe. Porém, Burrus se recusa a isso e justifica explicitando “que os pretorianos eram tão afeiçoados a toda a família dos Césares, e conservavam ainda tamanho respeito por Germânico, que não ousariam pôr as

---

<sup>14</sup> GRIFFIN, *Op.Cit.*,p.78-9.

<sup>15</sup> TÁCITO, 13, 19-21.

<sup>16</sup> *Idem*, 13, 20.

mãos na pessoa de sua filha(...)”<sup>17</sup>.<sup>18</sup> Como podemos perceber, as associações entre Burrus e Agripina vão desde o começo do governo de Nero até o momento do assassinato da mãe do Imperador.

A partir do assassinato de Agripina por ordem de Nero, Tácito dá nova forma a este principado, sendo agora um governo que gradualmente foi se tornando tirânico. Após 59, ou seja, *post mortem*, Agripina toma um novo papel no discurso de Tácito. Agora ela não é mais afastada de Nero. Pelo contrário, freqüentemente é associada a sua imagem. Desta maneira, nossa fonte visa, através dessa associação, enfatizar a transição de um bom período de governo para um mau período. Em síntese, podemos afirmar que Tácito suprime a figura política de Agripina e valoriza Sêneca e Burrus na narrativa, entre outros recursos, para criar a imagem de um bom governo

Outra personagem que teve função central na composição do caráter e, conseqüentemente, do governo de Nero foi Popeia, sua amante e segunda esposa. A primeira menção a Popeia feita por Tácito, nos **Anais**, no ano de 58 é em forma de um augúrio nefasto. No parágrafo anterior a tal menção, Tácito narra uma pequena história que tem um caráter educativo e de previsão. Octávio Sagita, tribuno do povo, se apaixonou por uma mulher casada chamada Pôncia. Tácito relata que Sagita persuadiu Pôncia a cometer adultério à força do dinheiro. Pôncia acaba se divorciando e Sagita deseja que eles se casem, porém, Pôncia hesita. Sagita louco de paixão pede para encontrá-la pela última vez e, no calor do momento, Sagita, que levava um punhal escondido, mata Pôncia. No capítulo seguinte, Tácito faz a seguinte afirmação: “Um não menos insigne escândalo de lascívia aconteceu neste ano, que foi para a República a origem fatal de futuras e grandes calamidades”.<sup>19</sup> Nesta passagem, Tácito tem como objetivo ressaltar as desgraças para as quais Popeia é uma fonte importante. A partir da primeira aparição de Popeia tem-se um processo de “desmascaramento” das maldades de Nero<sup>20</sup> que mesmo após a morte de Popeia não poderá mais ser interrompido.

No ano de 59, Popeia aparece novamente e desta vez é para incitar o imperador a matar Agripina, pois, segundo Tácito, a vê como um empecilho ao seu casamento com este. Tácito abre o livro décimo quarto e o ano de 59 d.C com a seguinte frase: “No consulado de Caio Vipstano e de Fonteio Cápiton, apressou-se Nero em consumir a grande maldade que já dantes tinha concebido, sendo agora já muito maior o seu atrevimento pela longa duração do

---

<sup>17</sup> *Idem*, 13, 23.

<sup>18</sup> *Idem*, 14, 7.

<sup>19</sup> *Idem*, 13,45.

<sup>20</sup> LEEDS, *Op.Cit*, p.1567.

poder, e pela sua cada vez mais ardente paixão por Popeia”.<sup>21</sup> A grande maldade que é referida por Tácito é o assassinato de Agripina. Nossa fonte justifica o empenho de Popeia no matricídio com a alegação que Agripina era um empecilho para se casar com Nero. Agripina não queria que seu filho se divorciasse de Otávia. Esta foi muito importante no processo de ascensão de Nero como imperador. Por ser filha do ex-imperador Cláudio e, conseqüentemente, componente da *gens Claudia* seu casamento com Nero serviu para fortalecer a futura posição deste como imperador. Nero já era descendente da *gens Iulia* por parte de sua mãe, Agripina. Contudo, não era apenas Agripina que não queria o divórcio de Nero e Otávia. Tanto Sêneca quanto Burrus não achavam que Nero deveria se divorciar. Neste momento podemos perceber a força que unia Nero a Otávia: a tradição no poder da *gens Claudia*.<sup>22</sup> Quando Nero repudia Otávia em 62 e, posteriormente, a mata ele não está dissolvendo um casamento apenas, mas assumindo uma nova postura política. A proposição de Tácito que Popeia impulsionou o assassinato de Agripina para eliminar a oposição a seu casamento é frágil. Primeiro, porque o casamento de Nero com Popeia só se realizou em 62, três anos após a morte de Agripina. Segundo, porque a resistência a este casamento não partia apenas da mãe de Nero. Finalmente, porque quando Nero se divorcia, mesmo Agripina já estando morta há três anos, a *plebs romana* se levanta em protesto. Parece-nos que a menção de Popeia por Tácito serve apenas para reforçar sua hipótese de que Nero é facilmente manipulado por mulheres. Porém, a presença política de Popeia é indiscutível na medida em que percebemos que há um embate entre ela e Agripina. Mas ainda fica uma questão: o que explicaria o fato de Nero demorar três anos para se casar com Popeia? Uma boa alternativa para tal questionamento, proposta por Miriam Griffin, é que Nero só poderia se casar com Popeia após o assassinato de Plauto e Sila.<sup>23</sup> Ambos eram descendentes de Augusto e poderiam ameaçar seu trono. A legitimidade de Otávia só pode ser descartada a partir do momento que não havia mais nenhum candidato latente a futuro imperador.

O ano de 59 marca uma virada no governo de Nero,<sup>24</sup> que começa a ser apresentado com uma autonomia que no começo de seu império não existia. Tácito narra um principado que em seus primeiros anos poderia ser bom, mas que, contudo, foi aos poucos se tornando vicioso. Tanto a decadência dos costumes quanto a mudança na organização política são peças fundamentais para explicar os governos dos imperadores que Tácito relata. O mal governante é ao mesmo tempo fruto da sociedade em que vive e produtor de vícios. Daí surge o paradoxal

---

<sup>21</sup> TÁCITO, *Op.Cit.*, 14,1.

<sup>22</sup> GRIFFIN, *Op.Cit.* p.98.

<sup>23</sup> *Idem*, p.99; Richard BAUMAN. **Women and politics in ancient Rome**. London: Routledge, 1994, p.204.

relato na **Vida de Agrícola** por Tácito. Depois de longo período de maus governantes, Nerva torna-se príncipe, restabelecendo a liberdade, porém:

[...] pela natural debilidade, mais tardos são remédios do que males; assim, pois, como nossos corpos crescem com lentidão e rápidos se extinguem, assim também mais facilmente se oprimem do que se restabelecem o talento e o estudo; efectivamente, do próprio estar inerte vem agrado e à inacção, odiada primeiro, depois se quer.<sup>25</sup>

Um bom governante não é suficiente em si para produzir uma sociedade melhor. A passagem do vício para a virtude é um processo lento que envolve a mudança nos próprios costumes. Um mal governante não compromete apenas a estrutura econômica e política do Império, mas o próprio caráter dos cidadãos. Nero não foi mal governante apenas do ponto de vista administrativo, com seu exemplo alastrava o vício e a servidão por toda a sociedade. O príncipe é o grande modelo a ser seguido pelos cidadãos. Com um governo fundamentado no vício e no medo, dificulta-se o caminho para a virtude e a liberdade reinarem. Por outro lado, Nero só poderia ser o que é, pois a sociedade em que vive e que o cerca é viciosa. Nero é o próprio sintoma de uma sociedade que é vista por Tácito como decadente.

\*\*\*\*\*

No recorte de 60 até 62 o ano que teve maior destaque por Tácito foi o de 62. Os anos de 60 e 61 compõem uma pequena parte dos **Anais**. Consideramos que o ano de 62 marca um novo período do governo de Nero na narrativa taciteana devido a alguns aspectos. Neste ano ocorreu uma conjunção de cinco fatores que indicam uma nova postura de governo assumida por Nero. O primeiro deles é a morte de Burrus e, com isso, o cargo de chefe da Guarda Pretoriana fica em aberto. O segundo acontecimento é o afastamento de Sêneca do *consilium princeps*, pois sua posição na corte estava declinando. O terceiro ponto é o repúdio e assassinato de Otávia, que marca a ruptura definitiva de Nero com a *gens Claudia*. O casamento do imperador com Popeia é o quarto acontecimento. Por fim, a inserção de Tigelino na narrativa dos **Anais**, substituindo o papel de Sêneca e Burrus no *consilium princeps*. Substitui-se dois personagens de valor positivo para inserir um negativo. Consideramos, assim, o casamento de Nero com Popeia o divisor de águas entre um governo

---

<sup>24</sup>LEEDS partilha da mesma hipótese que nós, p. 1555.

<sup>25</sup>TÁCITO. Vida de Agrícola. **Obras Menores**. Tradução e nota prévia de Agostinho da Silva. Lisboa: Livros Horizonte, 1974,3.

que ainda tinha algum aspecto moderado para a passagem a um governo relatado por Tácito como cercado de luxúria.

O casamento de Nero com Popeia é, em certa medida, tão relevante para Tácito porque o imperador abandona uma descendente imperial para se casar com outra de menor prestígio. Otávia figurou na narrativa tacitena como o modelo de matrona romana. Em momento algum ela demonstra qualquer insatisfação com algum ato de Nero ou de qualquer outra pessoa e, curiosamente, não desejava participar dos assuntos relacionados a *Res publica* em nenhuma instância. Quando Nero repudia Otávia, a sua pureza é tão grande que nem sob tortura sua criada conta alguma coisa que pudesse prejudicá-la, pois não há o que contar.<sup>26</sup> Por outro lado, seu reverso, Popeia, foi apresentada por Tácito como uma mulher que gostava tanto do luxo quanto do poder.<sup>27</sup> Como havíamos mencionado anteriormente, na primeira vez que Popeia aparece no **Anais**, Tácito relata que esta deixara Rufo Crispino – cavaleiro - para se casar com Oton – senador - e se divorciara de Oton para se casar com Nero - imperador. Através desta descrição apresentada por Tácito podemos ver claramente que Popeia seguiu uma lógica matrimonial. Essa tática matrimonial também foi empregada por Agripina e era correntemente utilizada por mulheres. Popeia passou de um casamento com um cavaleiro para um com um senador e, por fim, com o imperador. Tácito, dessa forma, potencializa através da dicotomia construída entre Otávia e Popeia, a crítica a Nero.

\*\*\*\*\*

Entre os anos de 62 e 66, Nero é apresentado como vinculado a Popeia e Tigelino e, para tanto, Sêneca e Burrus saem da narrativa. Este novo arranjo tira Nero da influência de Sêneca e Burrus, membros da aristocracia, e coloca Popeia e Tigelino, inferiores em nobreza e reputação, como estreitamente vinculados a Nero. Este período é descrito por Tácito como o de total desregramento de Nero e a personagem principal que incita tais vícios na narrativa taciteana é Popeia. Além dessa nova concepção do *consilium princeps*, existem mais alguns fatores que compõem a caracterização dos vícios de Nero feita por Tácito. Em 64, tem-se como marca da falta de pudor do imperador sua apresentação em Nápoles. Posteriormente, Tácito relata que Nero se casou com o escravo Pitágoras e o imperador foi a esposa. Desta forma, Tácito coloca Nero na noite de núpcias do casal como sendo o passivo da relação e transforma Nero numa mulher. Outro evento importante neste ano de 64 é o fogo em Roma.

---

<sup>26</sup> TÁCITO, **Anais**, 14, 60

<sup>27</sup> *Idem*, 13, 45

Tácito não acusa explicitamente Nero de ter colocado fogo na cidade, contudo, reserva maior espaço para os rumores que apontavam o imperador como o agente do incêndio. Por fim, no ano de 65 aconteceu a Conspiração Pisoniana que teve muitos mortos e Sêneca cometeu suicídio por ordem de Nero.

Com esse breve panorama do principado neroniano buscamos explorar um dos elementos que nortearam a narrativa de Tácito, ou seja, a aproximação ou dissociação de Nero à personagens femininas. Através dessa estratégia de composição, Tácito buscou ressaltar a virtude ou o vício deste imperador romano. Para tanto vimos três divisões que estão intimamente ligadas a aproximação de personagens femininas. Quanto maior a proximidade com as “mulheres políticas” pior é o governo de Nero. O primeiro momento do principado neroniano é apresentado positivamente e temos a associação do imperador a Sêneca e Burrus e sua dissociação de Agripina. Com o assassinato de Agripina em 59, encerra-se essa parte do governo de Nero que era vista como boa, ainda que se tenha a associação de Agripina a Nero justamente com o argumento de que ela o colocou no trono. A partir daí temos os anos de 60 até 62, no qual acontece a consolidação de um novo arranjo político encabeçado por Popeia e Tigelino no qual o governo de Nero já não é tão bem visto por Tácito. Consideramos como o ponto principal nesta virada o casamento de Nero com Popeia que marcará a associação de Nero a mais uma mulher política. No período de 63 a 66, o relato de Tácito concentra-se na insatisfação de Nero com as pessoas que são contra ele e mostra seu total desregramento. Neste período Tácito transforma Nero em mulher relatando seu “casamento” com Pitágoras.

## Fontes

TÁCITO. **Anais**. Trad. J.L. Freire de Carvalho. São Paulo: W.M. Jackson Inc. Editores, 1952 (Clássicos Jackson, Vol XXV).

TÁCITO. Diálogo dos Oradores. **Obras Menores**. Tradução e nota prévia de Agostinho da Silva. Lisboa: Livros Horizonte, 1974

TÁCITO. Vida de Agrícola **Obras Menores**. Tradução e nota prévia de Agostinho da Silva. Lisboa: Livros Horizonte, 1974

[Cícero]. **Retórica a Herênio**. Tradução e introdução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

## Bibliografia

BARRETT, Antony A. **Agrippina**: sex, power, and politics in the early empire. London: Yale University Press, 1996.

BAUMAN, Richard. Agrippina, Nero and the *Domus*. In: **Women and Politics in Ancient Rome**. London: Routledge, 1992, pp.190-210.

FEITOSA, Lourdes Maria G. C., FAVERSANI, Fábio. Sobre o feminino e a cidadania em Pompéia. In: **Pyrenae**. Barcelona: Universitat de Barcelona, n°. 33-34, pp. 253-59, 2002-2003.

GRIFFIN, Miriam T. **Nero**: the end of a dynasty. London: Yale University Press, 1985.

HUME, David. Mary. In: \_\_. **History of England**: from the Invasion of Julius Caesar to the Revolution in 1688, Foreword by William B. Todd. Indianapolis: Liberty Fund, v.3, 1983.

[www.libertyfund.org](http://www.libertyfund.org) e-book.

HUME, David. **History of England**: from the Invasion of Julius Caesar to the Revolution in 1688, Foreword by William B. Todd. Indianapolis: Liberty Fund, v.4, 1983.

[www.libertyfund.org](http://www.libertyfund.org) e-book.

LEEDS, R. H. Martin. Structure and interpretation in the 'Annals' of Tacitus *In: Aufstieg und Niedergang Der Römischen Welt*. II. 33.2. Berlin: Walter de Gruyter, pp. 1501-1579, 1990.

WALLACE-HADRILL, Andrew. The Imperial Court. *In: BOWMAN, A. K., CHAMPLIN, E. & LINTOTT, A. The Cambridge Ancient History*. 2<sup>nd</sup> edition. Vol. X: The Augustan Empire, 43 B.C. – A.D. 69. Cambridge University Press, 1996, pp. 285-308.

HARTOG, François. *A História de Homero a Santo Agostinho*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.